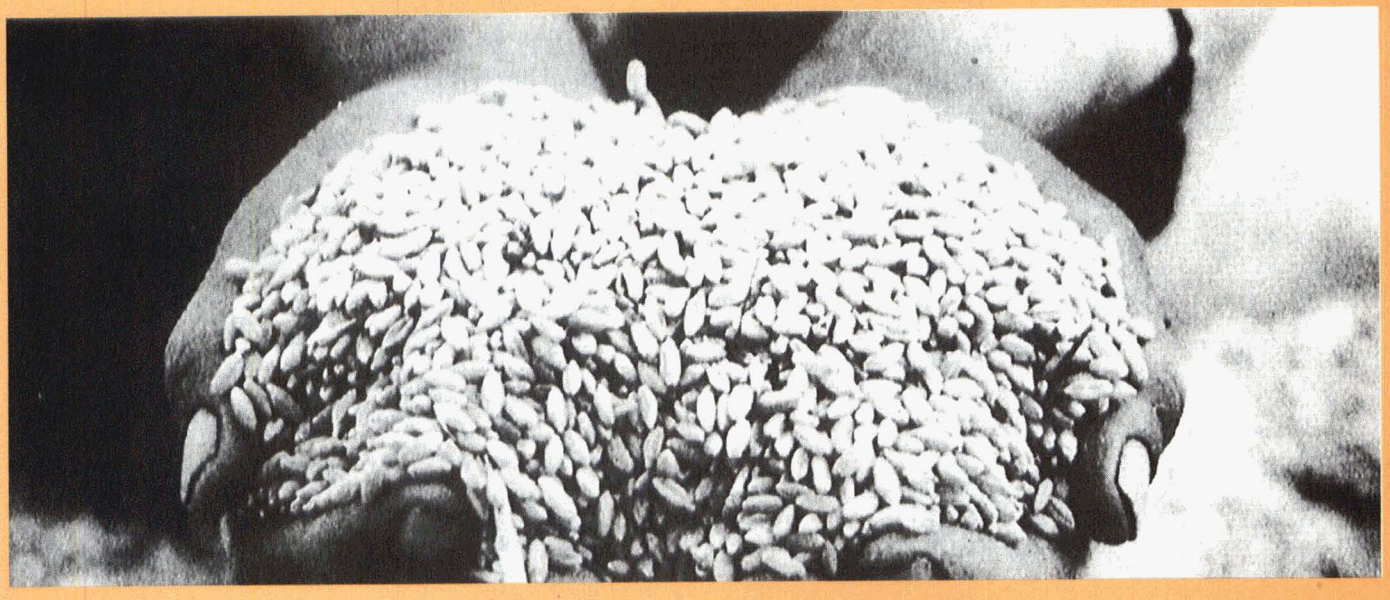
VERTENTE

Publicação Trimestral Número METANOIA

17/18

600$00 Julho/ Dezembro 1994

DESENVOLVIMENTO E SOLIDARIEDADES LOCAIS



O FUTURO DO PLANETA

PROGRESSO, UM MITO OCIDENTAL?

A SENHORA RABINO

A FOME DA PELE

REVISTA DO METANOIA
Movimento Católico de Profissionais

nº 17-18, Junho-Dezembro 94
Preço 600$00

Calçada Bento Rocha Cabral, 1-B
1200 Lisboa

PROPRIETÁRIO E EDITOR
António Matos Ferreira

SECRETÁRIA
Susana Tavares

CAPA
Ana Cordovil

CONSELHO EDITORIAL
António Marujo
Florentino Beirão
Paulo Santos Conceição
Paulo Teixeira Melo
Rita Brito

COLABORAM NESTE NUMERO
Maria Adelaide Pinto Correia
Isabel Cordovil

IMPRESSÃO

Assinatura Anual
1500$00 — 5 números

TIRAGEM 500 EXEMPLARES
DEPOSITO LEGAL Nº 44272/91
REGISTO Nº 107116

sumário

• Editorial

2 DA OBRIGAÇÃO DO AMOR AO PRAZER DE AMAR
António Marujo

• Desenvolvimento

4 CONSTRUIR JUNTOS O FUTURO DO PLANETA
Fundação Para o Progresso do Homem

11 AS VANTAGENS APROVEITÁVEIS DAS SOLIDARIEDADES LOCAIS
Jean Ruffier e Daniel Villavicencio

14 PROGRESSO, UM MITO OCIDENTAL?
Régis Debray

• Sinais dos Tempos

18 A SENHORA RABINO
Djénane Kareh Tager

• Testemunho

20 A FOME DA PELE

• Crónica

22 CAMINHANDO SOB O ESPLENDOR DA TUA FACE
Maria Adelaide Pinto Correia

24 • Notícias

Da Obrigação Do Amor Ao Prazer De Amar

▪ António Marujo

O recente suicídio colectivo/assassínio de membros da Ordem do Templo Solar, na Suíça, trouxe de novo ao debate o papel e o lugar das seitas nas sociedades contemporâneas. Por vezes, elas respondem a necessidades afectivas das pessoas não satisfeitas no âmbito do religioso — é sabido. E isto serve de pretexto para perguntar que desafio encerra para nós. Ou onde é que falhámos.

Pouco depois do sucedido na Suíça, a Congregação para a Doutrina da Fé reafirmava, em documento, a impossibilidade de acesso ao sacramento da comunhão para os católicos divorciados que tivessem voltado a casar.

Se os dois factos não têm relação directa um com o outro, eles vêm recordar como estamos longe de uma Igreja onde a afectividade, o amor, o acolhimento do diverso seja mais a regra que a excepção. Porque, recorda o primeiro caso, o quotidiano cristão é comummente feito de comunidades fechadas sobre si mesmas, de celebrações reduzidas ao formalismo, redução do serviço ministerial à gestão corrente de horários e reuniões, rituais cumpridos sem alma e dimensão profética arrumada nas gavetas dos falsos consensos.

Ainda que, graças a Deus, também exista — para confirmar a regra... — o oposto deste retrato "pessimista", são a ausência da afectividade, do acolhimento do outro, da abertura à diferença, da frieza das relações, que marcam as comunidades cristãs que hoje constituímos. E onde subsiste muitas vezes, como no documento da Congregação da Doutrina da Fé, o primado da lei sobre as pessoas e da norma sobre o espírito.

Não se trata de defender que não haja regras ou, no caso concreto referido, que se admita o divórcio em qualquer circunstância. Trata-se de uma outra exigência, de colocar em primeiro lugar aquilo que é radicalmente novo no cristianismo. E já não basta recordar o exemplo das primeiras comunidades cristãs, em que a dimensão da partilha da vida, dos bens, dos serviços, era intrínseca à sua própria existência. É necessário ir mais longe. E perceber a novidade radical, passe a repetição, que Jesus Cristo trouxe no seu tempo e no seu contexto: o amor é o mais importante. Não o amor abstracto, mas a paixão concreta por cada pessoa, imagem e semelhança de Deus, segundo a nossa fé. Gostarmos uns dos outros e disso darmos testemunho, mesmo quando os outros não nos (me) agradam, não pensam como nós (eu) ou vivem de um modo diferente, aliás, nessas situações sobretudo, esse é o desafio.

Estamos ainda longe de uma Igreja onde a afectividade, o amor, o acolhimento do diverso seja mais a regra que a excepção. Amar em concreto cada pessoa deve deixar de ser uma obrigação de que falamos mais ou menos friamente e tornar-se um prazer que saboreamos em cada instante.

Se assim não fosse, nada teria sentido, nem a vida, nem a mensagem de Jesus, tão-pouco a sua paixão e morte ou a sua ressurreição. Já no Antigo Testamento, Deus diz que nos quer arrancar o coração de pedra e dar-nos um coração de carne. E o apóstolo Paulo exprimiria depois a fundamental importância do amor, no belíssimo texto da carta que escreveu aos cristãos de Corinto (1 Cor, 13): podemos ser os melhores do mundo, saber falar todas as línguas, remover os obstáculos ou encontrar as melhores soluções para os problemas. Mas se fizermos

tudo isto sem amar, de nada serve, para nada presta. Porque o mais importante é o amor.

A marca que Jesus deixava na vida dos seus contemporâneos acontecia essencialmente por causa da experiência pessoal, de encontro com uma alteridade que convida(va) à mudança, à conversão do coração. Ao longo da história do cristianismo, essa dimensão pessoal e afectiva da experiência da fé foi dando lugar a uma tradição desencarnada e fria. E, se é de evitar uma fé que se fique apenas pela adesão emotiva, o oposto, um cristianismo frio, sem qualquer expressão de afectividade, também não é melhor. Não é por acaso que outras espiritualidades, em que a experiência e o acolhimento pessoal assumem um lugar importante, estão tão na moda. Mesmo no Ocidente, precisamente onde se sente mais profundamente o vazio, depois do fim do regime de cristandade, depois da relativização da ciência e da queda das ideologias, que resta às pessoas se não procurar outros sentidos para as suas vidas?

Só amando ao jeito de Jesus se pode reinventar essa síntese entre a adesão pessoal à fé cristã e o acolhimento do outro com as suas capacidades e limites. Só desse modo seremos capazes de perdoar e provocar à mudança — e isto é válido também para a Igreja que constituímos, para as suas regras e para a sua doutrina.

Amar, gostar das pessoas, colocá-las no centro, passa por cada gesto do quotidiano. Nos sítios onde estamos, no trabalho que fazemos, na relação pessoal que construímos. Ou seja, na forma como administramos, e partilhamos, as nossas vidas, os nossos saberes, os nossos bens. O que tem a ver também com a proposta do METANOIA no sentido de aprofundar o tema da construção de uma sociedade e de uma cultura de partilha e solidariedade.

Para que amar deixe de ser uma obrigação de que falamos mais ou menos friamente e se torne um prazer, um gosto que saboreamos em cada instante.

P.S. — Em tempo: a destituição do bispo de Evreux (França), Jacques Gaillot, vem (re)actualizar este texto. Se a verdade nunca está só de um lado, que espaço sobre para a diferença e para os que fazem pontes com as margens? E não foi para os da "margem" e os de "fora" que Jesus veio?

Só amando ao jeito de Jesus se pode reinventar essa síntese entre a adesão pessoal à fé cristã e o acolhimento do outro com as suas capacidades e limites. Só desse modo seremos capazes de perdoar e provocar à mudança — e isto é válido também para a Igreja que constituímos, para as suas regras e para a sua doutrina.

Por Um Mundo Responsável E Solidário*

Construir Juntos O Futuro Do Planeta

▪ **Fondation pour le progrès de l'homme****

Há 20 anos, o Clube de Roma publicava o seu célebre relatório "Halte à la croissance", que alertava a Humanidade para o desgaste dos recursos ecológicos e o perigo de destruição do Planeta. Esses riscos aumentaram. Eis porque a Fundação para o Progresso do Homem, na plataforma que se segue, formula um novo diagnóstico sobre a crise deste fim de século. E propõe estratégias de acção para se sair dela.

** In "Le Monde Diplomatique", Abril 1994*

*** A Fundação para o Progresso do Homem conta com membros de todos os continentes. Vários dos autores deste texto não são membros da Fundação.*

Tradução de Isabel Cordovil

Se as nossas sociedades continuarem por muito tempo ainda a viver e a desenvolver-se da maneira como o vêm fazendo, a Humanidade autodestruir-se-á. Recusamos esta perspectiva. Para o evitar, vamos ter de transformar profundamente a nossa maneira de pensar e de viver. Esta transformação compromete cada um de nós. Mas cada um é impotente se a sua acção e as suas vontades não convergirem com as de milhões, milhares de milhões de outros. Para que esta convergência exista, é preciso que nos ponhamos de acordo no essencial: um diagnóstico, valores e princípios para agir, prioridades e uma estratégia. É aquilo a que chamamos a "plataforma" para um Mundo solidário e responsável; queremos assentar nela para construir em conjunto o futuro.

O nosso Mundo é ao mesmo tempo único e infinitamente diverso. A estratégia a inventar para assegurar a nossa sobrevivência e o nosso desenvolvimento deve respeitar esta unicidade que nos liga e esta diversidade que nos enriquece. A plataforma exprime estes dois movimentos. As prioridades variam de um país para o outro, de um continente para o outro. Estas variações não se opõem a um acordo sobre o essencial. No nosso Mundo coexistem, de um lado, necessidades fundamentais não satisfeitas, recursos gastos e destruídos, e, do outro, capacidades de trabalho e de criatividade não empregues. Não é aceitável.

Sofremos de três desequilíbrios maiores: entre o Norte e o Sul do Planeta; entre os ricos e os pobres no seio de cada sociedade; entre os homens e a Natureza. Estes três desequilíbrios reflectem uma tripla crise das relações e do intercâmbio: entre as sociedades, entre os homens , entre os homens e o ambiente. Estas crises são inseparáveis. O não respeito pelo ambiente, por exemplo, acompanha muitas vezes o não respeito pelas mulheres e pelos homens.

As três crises não podem ser resolvidas separadamente. Não saberemos construir, a qualquer nível que seja, a harmonia das relações entre o homem e o seu meio se não for construída ao mesmo tempo a harmonia das relações dos homens entre eles, das sociedades entre elas.

Estas crises têm causas comuns. O Mundo evoluiu muito depressa no decurso dos dois últimos séculos. A "modernidade" inventada no Ocidente difundiu-se no Mundo inteiro. A maior parte dos países vive uma crise espiritual e moral. Não soubemos canalizar em proveito de todos os homens as nossas capacidades formidáveis de compreender, de empreender e de criar. É difícil não ver no coração das três crises os efeitos das formas actuais do desenvolvimento científico e tecnológico, o acentuar da divisão do trabalho, o crescer da esfera do mercado e da circulação, incessantemente desmultiplicada, das mercadorias e do dinheiro — enfim, os factores constitutivos da "modernidade ocidental" ou, para alguns, de "a modernidade".

No espírito dos seus promotores, estes factores da modernidade deviam ser os meios do progresso da Humanidade e assegurar a todos os homens prosperidade, paz, segurança, felicidade, liberdade. Se, para uma parte da Humanidade, eles contribuíram de certa maneira para isso, engendraram, simultaneamente, miséria, guerras, insegurança, indigência, opressão e, finalmente, a tripla crise referida acima.

A modernidade ocidental impôs-se, em poucos séculos, ao conjunto dos países do Mundo, através de uma mescla de cons-

trangimento e atracção. A colonização, e depois a descolonização, contribuíram para difundir por toda a parte o modelo de desenvolvimento e de sociedade do Ocidente. Pelo fascínio que exerce e pela eficácia que comporta, a modernidade tornou-se, sob roupagens políticas diversas, a referência principal das elites de todos os continentes. Relações de poder e jogo de mercado contribuíram juntos para dissipar os valores e as relações de troca outras que não mercantis e, ao fazê-lo, para desestruturar as sociedades tradicionais.

FAZER NASCER A DETERMINAÇÃO

Os dois pilares da modernidade — a liberdade das trocas e a ciência — deviam ser meios ao serviço do progresso dos homens. São hoje com demasiada frequência considerados como fins em si. Assim, segundo a mitologia económica em voga, a liberalização de todas as trocas, tanto de mercadoria como de dinheiro, assegura, em todos os domínios, um equilíbrio automático e óptimo das trocas entre os homens. Do mesmo modo, segundo a mitologia cientista, para lá dos problemas ou dos estragos, a aliança da ciência, da técnica e da indústria acabará sempre por trazer as soluções e fazer progredir a Humanidade. Não restará, a partir daí, senão remetermo-nos para o mercado e para a ciência.

É verdade que a ciência é uma fonte excepcional de compreensão, de capacidade de agir e de criatividade; mas, se ela pode ser mobilizada para o melhor, também o pode ser para o pior. Do mesmo modo, o mercado é um instrumento insubstituível para relacionar de forma maleável uma multidão de agentes, tendo cada um necessidades, desejos e capacidades para oferecer em troca; mas as populações carenciadas, as necessidades fundamentais não contabilizáveis, os riscos ecológicos, os interesses das gerações futuras, estão, por assim dizer, fora do seu âmbito. Ciência e mercado só valem, decididamente, em relação às escolhas e finalidades das sociedades em que se desenvolvem. Devem reencontrar o seu justo lugar de instrumentos; instrumentos essenciais, é certo, mas instrumentos postos ao serviço de outras finalidades que não eles próprios.

Ora, a difusão da ciência e do mercado faz-se acompanhar de uma grave crise de valores. Ela contribui mesmo em larga medida para essa crise. A ciência e a tecnologia, pondo a tónica no domínio e na manipulação dos homens e das coisas, encorajaram atitudes predadoras, reduzindo a Natureza, o mundo vivo e os outros homens ao estado de instrumentos, desprezando as iniciativas mais globais, mais modestas e mais respeitadoras, como requeria a procura de uma harmonia e de uma solidariedade entre os homens e com o ambiente. A exaltação do poder prevalece sobre a procura da sabedoria. Por seu lado, o mercado tende a reduzir o valor dos seres e das coisas ao seu valor de moeda; propaga a ideia de que o enriquecimento é a medida última do sucesso dos homens, assim como das sociedades; impõe uma dominação do material sobre o espiritual; tem necessidade, para funcionar, de fazer nascer sem cessar novas necessidades de consumo, com o perigo de desviar as energias e as inteligências de necessidades mais fundamentais; leva a privilegiar o curto prazo em detrimento do longo prazo. De tudo isto, vemos os frutos: a dissolução moral de muitas sociedades, a generalização da corrupção, o refúgio na droga, a indiferença face aos outros e ao meio ambiente, a confusão da juventude.

Se a submissão crescente das nossas sociedades à ciência e ao mercado está no coração da tripla crise do Mundo actual, é sem dúvida por causa dos seus próprios limites, mas é também porque se trata de meios assustadoramente eficazes ao serviço de sociedades profundamente desiguais, ávidas, imprevidentes. É, por fim, porque o Mundo mudou tão depressa, porque o impacto dos homens sobre o meio ambiente cresceu com tal rapidez e as trocas internacionais se estenderam tão subitamente que a Humanidade é ultrapassada pelo seu próprio movimento. As formas antigas de regulação das actividades humanas, construídas ao longo de milénios, viram-se ultrapassadas sem que outras novas tivessem tido tempo de nascer. Em muitos domínios os desafios tornaram-se planetários e escapam às instituições políticas tradicionais, ao controle democrático. Há que assumir responsabilidades e efectuar escolhas à escala do Planeta, mas não existem lugares nem instituições para o fazer. A Humanidade encontra-se na situação de ter de tomar nas suas mãos o curso do seu destino, mas não sabe como consegui-lo.

O nosso Mundo foi apanhado numa aceleração sem precedentes: generalização do reino da mercadoria, crescimento das produções, das populações e das necessidades, circulação das informações, dos produtos, dos homens e dos capitais, aplicação de sistemas técnicos cada vez mais poderosos, aumento do esgotamento dos recursos, dos desperdícios e dos resíduos. As desigualdades entre os homens e as sociedades crescem. Os equilíbrios fundamentais do planeta e dos seres vivos estão ameaçados, como o estão os interesses das gerações futuras.

Ora, ao mesmo tempo, cada sociedade se inclina sobre as suas urgências e os seus próprios objectivos. As sociedades mais ricas procuram salvaguardar ou melhorar o seu bem-estar, combatendo o desemprego e a pobreza, e procuram, para isso, criar ainda mais mercadorias; outras, com a perspectiva de alcançar as ricas, seguem a marcha forçada da industrialização e da modernização, prejudicando gravemente o meio ambiente e os homens; outras têm de arrancar à pobreza extrema grande parte das suas populações; por fim, há as que procuram sobreviver, simplesmente sobreviver, muitas vezes no meio de afrontamentos e sofrimento. Estas situações, mais paralelas que convergentes, só podem conduzir ao desenvolvimento de novas desigualdades, ao estabelecimento, no seio das sociedades e entre as sociedades, de novas formas de "apartheid" entre ricos e pobres e a profundos desequilíbrios ecológicos locais, regionais e mundiais, que afectarão em primeiro lugar os mais desprotegidos.

O conjunto dos estudos converge neste ponto. Das decisões que serão, ou não, tomadas nos anos 90, das inflexões que serão, ou não, obtidas em alguns domínios mais importantes, vão largamente depender a profundidade, a gravidade, o grau de irreversibilidade dos desequilíbrios com que a Humanidade será confrontada na primeira metade do próximo século. Nós acreditamos que a Humanidade vai empreender, nos próximos anos, uma revolução espiritual, moral, intelectual e institucional de grande envergadura. Só o poderá fazer indo buscar, ao melhor

das suas tradições e das suas civilizações e aos seus impulsos mais generosos, guias para a acção.

Afirmamos que não há fatalidade, que a gravidade das ameaças e a complexidade dos desafios devem fazer nascer a determinação e não a conformação. Capazes de pensar o seu futuro, os homens, as sociedades humanas, são ricos de princípios susceptíveis de orientar a sua escolha e as suas decisões.

Formulados sob variadas formas, na diversidade das culturas e das sociedades, alguns princípios parecem pontos de apoio essenciais no período actual:

1) Princípio da salvaguarda: a Terra que nos legaram os nossos antepassados não é só nossa; devemo-la também às gerações futuras. O lugar eminente que aí ocupamos, assim como as nossas capacidades técnicas, não nos dão o direito de destruir sem freio. A força da ciência e das técnicas deu-nos uma liberdade nova. Esta liberdade deve ser completada com um sentimento de reverência face à Natureza, cujos limites e ritmos devemos respeitar, salvaguardando os bens essenciais: a água, o ar, os solos, os oceanos, o ser vivo e os grandes equilíbrios necessários à vida. Para isso, as sociedades humanas devem tender para modos de produção e de vida sem lixos susceptíveis de atentar contra os equilíbrios essenciais dos ambientes locais ou da Terra.

2) Princípio da humanidade: a possibilidade para cada ser humano de dispor do essencial e de ter uma vida digna, o respeito, a equidade, a solidariedade entre os homens e as sociedades, o respeito pela Natureza e pelo ser vivo, são verdadeiras medidas de humanidade da Humanidade.

3) Princípio da responsabilidade: os indivíduos, as empresas, os Estados, os organismos internacionais, têm de assumir as suas responsabilidades na construção da harmonia das sociedades e dos homens e com o seu meio ambiente; devem fazê-lo na medida da sua riqueza e do seu poder. Os povos são co-responsáveis pelo destino da Humanidade.

4) Princípio da moderação: devemos aprender a refrear a nossa cupidez. Os mais ricos, aqueles que se deixam apanhar pelo turbilhão dos gastos inúteis, têm de reformar o seu modo de vida, moderar o consumo, aprender a frugalidade.

5) Princípio da prudência: as sociedades humanas não devem utilizar novos produtos ou novas técnicas senão depois de terem adquirido a capacidade de dominar os riscos presentes e futuros.

6) Princípio da diversidade: a diversidade das culturas, como a dos seres vivos, é um bem comum, sendo dever de todos os homens preservá-la. A diversidade das civilizações é a melhor garantia da capacidade da Humanidade para inventar respostas adaptadas à infinita diversidade das situações, dos desafios e dos meios. Os recursos genéticos do Planeta devem ser protegidos, no respeito das comunidades que até agora os salvaguardaram e valorizaram.

7) Princípio da cidadania: devemos aprender a considerarnos e a considerar todos os seres humanos membros de pleno direito da imensa comunidade humana.

Estratégias de acção

Face àqueles que quereriam reduzir o Mundo ao jogo dos interesses particulares, dos poderes e dos mercados, estes princípios merecem ser reafirmados e servir efectivamente de guia no enunciado das prioridades e na determinação das estratégias de acção.

Face às três crises com que se confronta a Humanidade, surgiram numerosas reacções positivas, da acção pontual exemplar, em aldeias ou cidades, às recentes convenções internacionais, mapas ou contabilidades ambientais de alguns empreendimentos, passando pelas políticas energéticas de certos países, da tomada de consciência dos consumidores à emergência de agriculturas ecológicas.

Mas estes avanços parecem ainda bem limitados e dispersos em relação às dinâmicas mais importantes do resto do Mundo. O que predomina actualmente é um profundo sentimento de impotência. Cada sociedade, tomada isoladamente, parece paralisada diante da amplidão das transformações a realizar. Cada um — indivíduo, empresa ou Estado — sabe que deve agir, mas resigna-se a não fazer nada, esperando que os outros comecem ou que sejam tomadas decisões... noutro lado. Ciência, técnica, mercado, tornam-se os novos nomes do destino. Evoluindo devagar de mais, as ideologias e as instituições são muitas vezes desadaptadas às urgências e desafios do período.

Não devemos ser tímidos. Temos um dever de audácia. É preciso, entre os diferentes futuros possíveis, traçar, na base dos nossos valores comuns, o esboço de um futuro desejável; depois, conceber um conjunto coerente de acção que responda às urgências de hoje e esteja à escala dos desafios de amanhã. As três crises são inseparáveis e as respostas também o são.

Não acreditamos na possibilidade de chegar a um desenvolvimento duradouro, respeitando os grandes equilíbrios ecológicos, com o preço da exclusão de uma larga parte da Humanidade. Desconfiamos das tentativas de resolver os problemas por uma fuga para a frente, tecnológica, ou por constrangimentos impostos pelos mais poderosos e sofridos pela massa dos outros. Estamos convencidos de que as acções a empreender devem visar, ao mesmo tempo, construir relações equilibradas entre os homens e os seus meios ambientes, em toda a sua complexidade e diversidade, e construir relações equilibradas entre os homens e as sociedades.

Não se trata de estabelecer uma hierarquia de gravidade entre as três crises, mas encontrar formas de acção que contribuam simultaneamente para a sua resolução. Esta convergência deve ser, com a aplicação dos sete princípios enunciados em cima, o principal guia para uma estratégia de acção. É mesmo um Mundo responsável que queremos construir.

Para tanto não escaparemos a uma mobilização excepcional de meios e de vontades. É possível. O mundo ocidental saiu da grande crise de 1930 por uma mobilização incrível de meios para a preparação e, a seguir, a prossecução da II Guerra Mundial. Propomos mobilizar, neste fim de século, meios equivalentes para lutar contra todas as formas de pobreza e de exclusão e pôr em acção tecnologias e formas de produção que respeitem os nossos ambientes.

Vinte por cento dos homens dispõem hoje de mais de 80 por cento das riquezas. Algumas famílias recebem em rendimentos monetários o equivalente aos recursos de centenas de milhares, talvez milhões, de famílias desprotegidas. Pessoas e países que

detêm grandes riquezas terão por isso de suportar uma grande parte do esforço.

Claramente aceite, este esforço de solidariedade constituirá a condição política que permite a adopção por todos os países de objectivos comuns e de uma estratégia coerente. Será a expressão concreta do reconhecimento da unidade da comunidade humana. Pode, por outro lado, constituir uma etapa marcante de pôr em prática novos mecanismos de solidariedade e redistribuição, semelhantes àqueles que as sociedades humanas souberam, por vezes, inventar no passado e que a multiplicação dos laços entre as sociedades e os homens de todo o Mundo torna cada vez mais necessários a nível mundial.

Por fim, a estratégia de acção para estar à altura das nossas ambições deve ser tão coerente, tão completa, como é o modo actual de desenvolvimento: terá necessidade de organizações, de dirigentes, de modos de regulação, de tecnologias adaptadas às finalidades desejadas; construir-se-á ao longo do tempo e à custa de uma determinação sem quebras.

As três crises são mundiais, engendraram à escala mundial prioridades comuns para a acção: a reabilitação e difusão dos valores comuns, a redução das desigualdades entre as pessoas e as sociedades, o salvaguardar e o restaurar das fontes essenciais da vida, a construção de novas relações entre os homens e os seus ecossistemas, o travão dos gastos energéticos e alimentares. Mas as prioridades comuns traduzir-se-ão menos por medidas uniformes, decididas a nível mundial, do que por iniciativas coordenadas, adaptadas à infinita diversidade dos contextos.

Acresce que nascem prioridades particulares em cada região do Mundo. Os países mais ricos são principalmente confrontados com novas formas de exclusão e com a necessidade de rever em profundidade o seu modo de viver; os países do antigo bloco soviético enfrentam um desemprego de grande dimensão, a conversão de um sistema de produção ineficaz, as ameaças das instalações nucleares militares e civis e o descalabro do seu meio ambiente; os novos países industrializados destacam-se, por vezes, por uma exploração furiosa dos homens e do ambiente; os países mais pobres têm dificuldades em suster o aumento da população, salvaguardar as águas e os solos, desenvolver meios científicos e tecnológicos verdadeiramente enraizados na sua cultura e adaptados às suas situações; para o conjunto dos países áridos, a água e a preservação da camada vegetal e dos solos tornam-se urgências vitais, e assim por diante.

As prioridades que se pode pôr em primeiro lugar à escala do Planeta (salvaguarda dos oceanos, protecção da camada de ozono, limitação das emissões de gases com efeito de estufa...) não devem ser concebidas nem aceites da mesma maneira consoante as situações, sobretudo se parecem impostas aos mais fracos pelos mais poderosos.

A necessidade de traduzir localmente as prioridades comuns, bem como levar em conta as prioridades particulares, obrigam a reconhecer permanentemente a unidade e a diversidade do Mundo. Impedem de conceber estratégias monolíticas impostas "de cima". Temos necessidade de conceber uma estratégia plural, organizando as convergências.

Face aos desafios importantes deste tempo, é a todos os níveis que se deve empreender a acção.

Ao nível dos indivíduos, cidadãos e consumidores, a educação, a informação, a tomada de consciência, a afirmação da dimensão ética, devem contribuir para fazer evoluir os sistemas de valores e os comportamentos, com efeitos tanto no plano local como nos planos regional e mundial.

Ao nível das empresas, dos municípios, das colectividades territoriais, também há muito a fazer. O que implica, ao mesmo tempo, os seus dirigentes, quadros e assalariados, mas também os seus clientes, munícipes, etc., assim como as normas, regulamentos e legislações que enquadram o seu trabalho. As pequenas comunidades humanas, as aldeias, as cidades, as unidades geológicas, climáticas, hidrológicas e históricas, que tiveram um papel tão importante na história antiga, são chamadas a assumir um papel completamente renovado. É, de facto, a esta escala que a diversidade das situações e contextos culturais, sociais e ecológicos deve ser levada em conta. A esta escala também é que podem ser democraticamente concebidos, debatidos e postos em prática movimentos integrados, reconciliando os homens com os seus ecossistemas.

Foi principalmente ao nível dos Estados-nações que, nos séculos passados, se inventou os regulamentos, se pôs em marcha as solidariedades. Numa época em que as trocas sociais e económicas se organizavam no essencial no seu quadro, e em que os prejuízos causados ao meio natural ficavam circunscritos às suas fronteiras, foi à escala dos Estados-Nações que se concebeu os equilíbrios sociais e ecológicos, os modelos de desenvolvimento adaptados ao génio de cada povo, os modelos de controle democrático, os sistemas de normalização, de legislação e controle. Este papel preponderante dos Estados está amplamente posto em causa: de cima, pela mundialização das trocas, da informação, dos desequilíbrios ecológicos; de baixo, pela subida das aspirações a mais autonomia. A ideia de soberania plena, como a da impermeabilidade das fronteiras, tornou-se um engano. Este duplo movimento de desmantelamento dos Estados é irreversível. No entanto, cada Estado-nação continuará por muito tempo a ser uma instância decisiva para o debate político, para a elaboração das grandes decisões, para concretizar solidariedades, para a legislação, taxação e controle. Simplesmente, ele deve aceitar ser só um dos níveis — importante, com certeza, mas ligado aos outros — da gestão de um Mundo solidário e responsável; e as suas estratégias devem prever a participação em dinâmicas mais alargadas.

Existe um nível que deve ter um papel crescente no próximo século: é o nível regional. Os Estados-nações são numerosos de mais, muito diferentes, muito desiguais, para poderem dialogar eficazmente e em pé de igualdade, à escala mundial, e para elaborar juntos as estratégias ambiciosas dos desafios a enfrentar. Foram tomadas múltiplas iniciativas de organização regional e vê-se esboçar-se a possibilidade de uma organização do Mundo, provavelmente de geometria variável, consoante os domínios, mas através da qual emergem oito a dez grandes regiões. Estas regiões poderão muito bem ter, no século XXI, um papel na organização dos seus mercados internos e na abertura aos mercados externos análogo ao que teve o Estado-nação nos últimos cinco séculos. Num âmbito mais lato, elas deverão constituir um nível particularmente adequado para regular as relações quer entre os

homens e a Natureza quer dos homens entre si. Na perspectiva de uma gestão do Planeta que nem seja dominada pelo(s) país(es) mais poderoso(s), nem fique a cargo de especialistas, deve ser chamado a ter um papel crescente um colégio representando as grandes regiões do Mundo. Estas regiões serão, sem dúvida, chamadas a ter também um papel importante em matéria de segurança. Uma das condições da redução dos armamentos é garantir a segurança das nações e dos povos. Entre os acordos entre Estados e a intervenção de uma instância mundial, caberá, também aqui, às instâncias e processos regionais um papel essencial.

O nível mundial, por fim, vai necessariamente tornar-se decisivo nos próximos decénios, quer se trate de normas, de direito e de regulamentação, de taxas, de controle, de lançamento de grandes iniciativas e de coordenação de grandes acções pluricontinentais. Para o atingirmos é preciso, antes de mais, que uma autoridade mundial saiba adquirir a legitimidade necessária, mostre a sua vontade de impor regras comuns, mesmo aos actores económicos e políticos mais poderosos. É também necessário que haja um dispositivo institucional que assegure a indispensável separação dos poderes, nomeadamente o legislativo, o executivo e o judicial. Temos a seguir de deixar-nos da compartimentação das negociações; ligar, por exemplo, as negociações sobre o comércio a um acordo sobre a protecção do meio ambiente. Falta, por fim, que a comunidade internacional apoie a emergência de redes mundiais, capazes de construir contrapoderes úteis, meios de vigilância e forças de interposição mobilizáveis por uma estratégia de conjunto.

Do indivíduo ao Mundo, não escaparemos, como se vê, à articulação das responsabilidades e das competências às diferentes escalas. Há que inovar profundamente para evitar o empilhar de burocracias e o enredar das competências, tão propícios à irresponsabilidade geral. Deve ser dada prioridade claramente à iniciativa local, à gestão local, as únicas capazes de vitalizar os laços entre as sociedades e o meio. É o princípio da subsidiariedade. Mas esta subsidiariedade não significa que cada colectividade seja livre de fazer o que quiser no seu território. Ela não é proprietária, mas gerente. Cabe-lhe pôr em prática os princípios de salvaguarda, de responsabilidade, de prudência, de moderação. Pertence-lhe escolher livremente os seus meios, mas no âmbito de finalidades e coerências discutidas e enunciadas a outro nível. É para marcar este dever de articulação que preferimos falar de subsidiariedade activa. Este princípio aplica-se gradualmente desde o Mundo inteiro até à comunidade de base. Dos indivíduos ao Planeta, as comunidades humanas estão ligadas entre si por contratos em que se equilibram os seus direitos e os seus deveres, tanto em relação aos seus membros, como ao Planeta e às gerações futuras.

Contribuir para que a Humanidade contemporânea avalie a sua responsabilidade e a assuma; para que a Humanidade, através dos povos, nações, culturas, através das elites e dos dirigentes, das suas instituições e dos seus múltiplos actores, tome consciência das suas próprias responsabilidades em relação a si mesma, aos mais desfavorecidos e aos mais fracos, à terra e ao ser vivo, às gerações futuras, e que as assuma —tal é o desafio.

Mas as nossas sociedades, apanhadas no turbilhão das urgências e fortemente desmotivadas pelo desaparecimento dos grandes messianismos do século XIX, parecem renunciar a projectar-se no futuro. Cada vez mais complexas, têm dificuldade em compreender a sua própria mudança. "A fortiori" estão pouco preparadas para tomar a cargo o futuro do Mundo.

É, portanto, essencial conceber e tornar visível um processo coerente de mudança. Dizer como se pôr em marcha é actualmente mais importante do que dizer para onde ir.

Este processo deve desenrolar-se de uma maneira multidimensional, desde a mudança de comportamento dos cidadãos e consumidores e as acções colectivas locais até às decisões tomadas à escala planetária. Este processo de mudança colectiva pode comportar os seguintes elementos:

a) A mudança progressiva das representações: em grande parte, o Mundo muda nas nossas cabeças antes de mudar no terreno. A educação, aí, é uma alavanca de acção decisiva e as transformações a operar são imensas. É um novo humanismo que é preciso ajudar a nascer, com uma componente ética essencial e uma grande parte feita com o conhecimento das culturas e dos valores espirituais das diferentes civilizações, contrapeso do tecnicismo e economicismo da modernidade ocidental. Os ensinamentos escolares, por seu lado, devem dar lugar a uma reflexão sobre os valores e a forma de levá-los em conta na acção, dar lugar à abordagem crítica da ciência e das técnicas, à aprendizagem das iniciativas sistemáticas, mais do que analíticas, cooperativas, mais do que competitivas. Não se trata de acrescentar um ou dois módulos aos programas já sobrecarregados, ainda menos de conceber uma iniciação à ecologia uniforme de um país para o outro, mas de reorganizar por todo o lado os ensinamentos em redor de uma visão de conjunto das relações e trocas entre os homens entre eles e com a Natureza, insistindo na diversidade do binário homem-ambiente. Ao mesmo tempo que se colocaria tais formações nos sistemas de ensino, elas deveriam ser oferecidas aos cidadãos que o desejassem, nomeadamente aos formadores, professores, jornalistas, técnicos, engenheiros, decisores.

b) A construção de um imaginário colectivo: só uma visão comum do futuro, com etapas, é susceptível de captar as energias, federar os esforços, prolongar no tempo as decisões presentes. Só um imaginário colectivo, construído em comum, será capaz de criar sinergias que permitam libertar-se das pressões dos contratempos, superar os interesses imediatos, ultrapassar os obstáculos, utilizar cada desafio como outras tantas oportunidades para se reerguer e inovar.

c) A condução frontal das inovações: uma inovação nunca vem só, implica outras, tanto a jusante como a montante. Uma inovação limitada a um só domínio será um fracasso. É de maneira interligada que se desenvolve inovações técnicas, inovações sociais, mudanças de mentalidade, de comportamentos e de instituições. É, portanto, um movimento coordenado de inovações técnicas e sociais que, nos próximos decénios, Estados, empresas, organizações rurais, sindicatos, associações de consumidores, terão de impulsionar.

d) O desenvolvimento e a federação de redes de troca de experiências: as inovações sócio-técnicas nascem sempre localmente numa empresa, cidade, aldeia, território ou qualquer outra

comunidade. Estão sempre enraizadas, ligadas a um conceito particular. Mas é preciso que se espalhem, que sejam transformadas e assimiladas por outros. Para tanto, são necessárias redes. Ora, a maior parte das redes actuais é local ou especializada, enquanto que grande número de desafios é planetário. Torna-se, por isso, indispensável desenvolver as redes existentes, suscitar novas, ajudá-las a ligar-se de maneira flexível, a federar-se. Assim, podemos ganhar anos preciosos, talvez decénios, na difusão de inovações que possam contribuir para responder a tal ou tal aspecto das três crises com que estamos confrontados.

Cinco programas mobilizadores

Coerência de estratégia e dos meios de concretização, ligação entre as soluções a trazer às três crises, necessidade de conciliar a tradução local de prioridades planetárias comuns com o enunciado e a atenção às prioridades próprias de cada região do Mundo, articulação dos diferentes níveis da acção e dos diferentes ingredientes para a pôr em marcha — vemos progressivamente desenharem-se as características da estratégia a inventar colectivamente. Claro que esta estratégia é multi-sectorial, implica mudanças coordenadas das mentalidades, da educação, das instituições, das tecnologias, das normas, do direito, da fiscalidade, das relações internacionais...

A Humanidade, neste final do século XX, é confrontada com desafios concretos, urgentes, planetários. Defini-los deveria permitir mobilizar as energias em alguns grandes programas. Mas estes programas não seriam suficientes, bem pelo contrário, para organizar a vasta mutação das sociedades, necessária no próximo século. Seriam, em todo o caso, o sinal tangível de uma verdadeira movimentação, mostrando que é possível atacar simultaneamente as três crises, proporcionando ocasiões de trabalho, materializando através de uma obra comum a consciência de pertencermos todos à mesma comunidade humana, melhorando as condições de vida das populações mais desprotegidas, restaurando um melhor equilíbrio entre os homens e o seu ambiente.

Cinco programas mobilizadores parecem responder-nos a esta definição. Dizem respeito à água, à energia, aos solos, à reabilitação das regiões profundamente degradadas, à conversão das indústrias de armamento.

A água. Uma pessoa em cada três sofre, hoje, no Mundo, de falta de água. Dentro de menos de 20 anos, espera-se que, em continentes como a África, a penúria seja dramática. Oitenta por cento das doenças parasitárias do Terceiro Mundo são causadas pela má qualidade da água. Os conflitos entre os países pelo controle deste recurso raro vão ser cada vez mais frequentes e graves, porque as bacias hidrográficas ignoram as fronteiras. Se a gestão da água é frequentemente fonte de conflitos, ela é, com igual frequência, cimento de comunidades. Respeitando à cidade e ao campo, à saúde, à agricultura, à energia, à alimentação, necessitando de abordagens integradas a vários níveis, um programa mobilizador a favor da água é susceptível de utilizar uma larga gama de técnicas e criar numerosos empregos; implica a aprendizagem da "subsidiariedade activa", privilegiando as iniciativas locais e situando-as numa visão de conjunto; concorre ao mesmo tempo para a melhoria das condições de vida, para o desenvolvimento da actividade e para a procura de melhores equilíbrios entre os homens e o seu ambiente.

A energia. O programa deve comportar duas vertentes: as economias de energia e o equipamento de energias renováveis. Todos os países, mesmo os mais pobres, possuem economias importantes em reservas de energia. Valorizar estas reservas, desenvolver as tecnologias económicas em energia, suprimir progressivamente as múltiplas formas de subvenção disfarçada do uso das energias fósseis, tudo isto concorrerá para tornar viável o equipamento em energias renováveis por todo o lado e sob todas as formas em que estão disponíveis. Aplicado em larga escala, o programa permitirá melhorar a eficácia das tecnologias de produção de energia renovável. Como a da água, a gestão descentralizada da energia contribui para a aprendizagem da "subsidiariedade activa". O programa é simultaneamente benéfico no plano local e no plano global, pois permite, ao mesmo tempo, reduzir as poluições locais, as emissões de gás com efeito de estufa e o crescimento dos riscos e lixos ligados ao nuclear.

Os solos. O programa consistirá em promover a uma escala muito ampla a aplicação de formas de exploração dos solos que não levem, ou levem o menos possível, à degradação das suas funções biológicas, alimentares, reguladoras das funções hidrológicas. Esta degradação maciça é fonte de graves diminuições da fertilidade dos meios ambientes, portanto, de desertificação. O maior interesse do programa é ser muito repartido no espaço, obrigar a uma revisão em profundidade dos sistemas de produção agrícola, mobilizar muita mão-de-obra, reduzir a insegurança alimentar nos países mais pobres, obrigar a procurar uma gestão diversificada dos ecossistemas e combinar programas a grande escala com micro-iniciativas.

A revitalização de regiões profundamente degradadas. Este programa pode dizer respeito tanto a países de antiga industrialização como àqueles que sofreram (na Europa Central, na antiga URSS, etc.) os excessos devastadores da modernização e industrialização em marcha forçada. Tem um enorme valor simbólico num Mundo em que os homens não raro tiveram tendência a migrar quando o meio ambiente tinha sido arruinado pelas suas necessidades e imprevidências. Num planeta limitado nos seus contornos, cada vez mais povoado, as estratégias de reabilitação devem sobrepor-se resolutamente ao sonho de conquistar novos e improváveis espaços. A reabilitação é a nova fronteira da Humanidade.

A conversão das indústrias de armamento. Desde a II Guerra Mundial, faixas inteiras da economia, em numerosos países, constituíram-se em redor da produção de armas. O fim da guerra fria permite, em teoria, libertar múltiplas competências e múltiplos meios. A sua conversão da guerra à paz é, no entanto, um grande desafio. Pressupõe a um tempo uma vontade política, uma competência técnica, a abertura de novas saídas e, mais ainda, novas formas entusiasmantes para as competências e os talentos libertados. Propomos um programa mundial, concertado, de conversão das indústrias de armamento para o desenvolvimento de tecnologias não agressivas para o ambiente. Será um investimento pesado à partida, mas rentável a prazo. Será também o símbolo da passagem de um período de conquistas e afrontamentos para um período de solidariedade e de aliança, tanto entre as socieda-

des, como entre estas e a Natureza. Mas é preciso também que sejam asseguradas, sob garantia de instâncias internacionais, de preferência regionais, as condições de segurança, tanto entre países como para as minorias nacionais.

Aprender com os fracassos

A ideia de programa mobilizador não é nova. O fracasso que conheceram, no passado, programas semelhantes suscita naturalmente o cepticismo. Mas também podemos retirar desses fracassos algumas regras para a concretização dos programas, aumentando as suas hipóteses de sucesso:

— necessidade de uma adequação cuidada entre o programa e as carências das regiões em que é aplicado (como no caso do Plano Marshall para a reconstrução da Europa);

— planeamento do todo do programa ao longo do tempo (15 a 20 anos), até associando eventualmente a um programa uma geração;

— definição dos procedimentos e atribuição dos financiamentos, progressivamente;

— distribuição das capacidades institucionais e técnicas descentralizadas, enraizadas nas populações, que devem ser ouvidas, incluindo mesmo protocolos de acordo com os representantes das populações;

— com base na escolha das soluções técnicas mais adequadas, concretização progressiva dos trabalhos, com avaliação regular dos seus impactos, sempre em estreita ligação com as populações.

Os países ricos terão de participar em maior escala. Entre as formas de se obter esta contribuição, há a considerar uma taxa progressiva (mas tendo em conta as condições climatéricas) que assente no consumo de energia (ou sobre as emissões de CO2) e taxas mundiais sobre as despesas de armamento por habitante e sobre os ganhos da Bolsa.

Quanto a prazos, podemos traçar um triplo horizonte:

— O horizonte 2000. Graças a uma grande tomada de consciência e à mobilização polarizadora de energias múltiplas — os Estados Gerais do Planeta —, foram tomadas as decisões mais importantes e postos em prática grandes programas nos principais domínios. Esboçam-se inflexões decisivas;

— O horizonte 2030 a 2050. Este horizonte marca uma bifurcação decisiva porque a prossecução das tendências actuais deveria conduzir, nesta data, a degradações profundas e desequilíbrios dificilmente reversíveis. Na maior parte dos domínios (demografia, coesão social, solidariedade, água, energia), devemos portanto ter encontrado, até lá, vias "sustentáveis e duráveis";

— O horizonte 2080 a 2100. É neste horizonte que se pode esperar atingir um novo equilíbrio entre os homens e o Planeta, com modos de vida e de produção que evitem o esgotamento dos recursos e limitem os resíduos àquilo que é suportável pelo Planeta.

Se as nossas sociedades continuarem por muito tempo ainda a viver e a desenvolver-se da maneira como o vêm fazendo, a Humanidade autodestruir-se-á. É preciso que nos ponhamos de acordo no essencial: um diagnóstico, valores e princípios para agir, prioridades e uma estratégia. É aquilo a que chamamos a "plataforma" para um Mundo solidário e responsável; queremos assentar nela para construir em conjunto o futuro.

As Vantagens Aproveitáveis Das Solidariedades Locais

▪ Jean Ruffier e Daniel Villavicencio

in: "Courrier de l'UNESCO", Abril 94,
"Dossier" sobre "Gestão moderna e tradições locais"

Tradução de M. Adelaide Pinto Correia

Como fazer funcionar uma fabrica ultramoderna sem mão-de-obra especializada?

Onde se encontram as fábricas ultramodernas que funcionam bem? Necessariamente nos países de grande experiência industrial, com infra-estruturas de qualidade, capitais e mão-de-obra qualificada. Este tipo de resposta está espalhado como uma evidência. Quando a aceitamos, estamos a condenar os países menos avançados a um atraso incontornável e a encaminhar o mundo para uma divisão do trabalho e das riquezas cada vez mais injusto. Mas existem, de facto, em muitos cantos do mundo, empresas que utilizam com êxito tecnologias sofisticadas sem que disponham de mão-de-obra competente, nem de ambiente industrial propício.

Claro que são exemplos raros. Também são pouco estudados. Milhares de investigadores se debruçaram sobre as fábricas mais performantes do Japão, da Europa ou dos Estados Unidos. Mas as suas conclusões não são válidas senão para um número restrito de países que beneficiam de condições análogas. O que nos propomos neste artigo é mostrar como uma pequena fábrica perdida no campo, a 60 quilómetros da cidade do México, se tornou uma das mais competitivas na produção de iogurtes.

Um contratempo aborrecido

A seguir à passagem de nível sem guarda, lá está a "estância" de tijolos vermelhos, construída à volta da capela, que é um vestígio de grandezas passadas. A multinacional francesa não implantou a sua fábrica de iogurtes ao acaso, mas no coração de uma importante herdade de criação de bovinos. Esta chegou a ter um pavilhão de tratamento do leite; mas o pavilhão acabou por fechar e a manada foi muito reduzida. Do leite com que contavam para a fabricação de iogurtes, só um décimo provinha da herdade.

A própria herdade forneceu uma parte dos primeiros assalariados da fábrica. Os quadros franceses que vieram para lançar a fábrica e instalar as linhas automatizadas de produção tiveram muito trabalho para lhes dar formação. A fábrica tinha sido construída a partir de planos que correspondiam ao que se faz de mais avançado neste domínio — escolha sobre a qual não se tinha reflectido muito, visto que era uma das primeiras do grupo a abrir num país de fraca tradição industrial. Trouxe-se as máquinas; depois, foi-se à procura dos homens que as fariam funcionar. Escolheu-se os melhores operários do antigo pavilhão, que foram iniciados nos equipamentos modernos. Mais mal que bem, mas a fábrica funcionava.

Foi então que estalou um conflito imprevisto, opondo os delegados dos operários vindos da herdade ao sindicato local dos assalariados de indústrias alimentares: eles queriam sair do sindicato. A direcção assistiu, impotente, à vitória do sindicato, que obrigou à saída dos empregados mais bem formados, os que tinham a seu cargo as partes mais complexas dos equipamentos.

Estes acontecimentos desenrolaram-se cinco anos depois do arranque da fábrica; a direcção, francesa, teve de renovar os seus efectivos. Foi buscar operários agrícolas, recrutados longe dali, para evitar a repetição do mesmo conflito.

Era um novo ponto de partida para a fábrica. Continuou a re-

ceber equipamentos de ponta e bem depressa só tinha um francês, o director. Dois anos mais tarde, classificava-se entre as mais performantes do grupo. A que se deve este êxito?

Mão-de-obra muito pouco qualificada

No conjunto, o pessoal não tinha outra experiência profissional além do trabalho nos campos e do serviço doméstico. À partida, muitos dos operários não sabiam ler nem escrever. Não tinham nenhuns conhecimentos sobre indústria leiteira e alguns nem nunca tinham visto iogurtes. Também não havia produtos artesanais locais semelhantes a iogurte.

Nas outras fábricas do grupo, nenhum operário é analfabeto, e os que manipulam os aparelhos de fabricação têm pelo menos alguns conhecimentos técnicos no domínio alimentar. E, além disso, comem iogurtes desde pequeninos.

O mesmo contraste para os graus de especialização. A fábrica mexicana não tem nem operadores qualificados nem especialistas de electrónica, embora seja muito automatizada. Falta-lhe pessoal competente em todos os níveis da hierarquia — o que não tem nada de surpreendente, visto que a indústria leiteira é quase inexistente no México.

E contudo, funciona perfeitamente e a qualidade do seu iogurte é reputada. Continua muito competitiva, apesar de ter actualmente a concorrência de outras fábricas, algumas das quais usufruem de autorização para comprar o leite a preços subvencionados. Como é que consegue utilizar técnicas de ponta sem nenhum dos privilégios de que dispõem neste domínio os países mais desenvolvidos?

A natureza de um sistema técnico moderno

A dificuldade principal das empresas ultramodernas reside na grande complexidade do equipamento. Para conseguir a fabricação de iogurte com linhas de produção inteiramente automatizadas, é preciso conhecer as técnicas leiteiras, ter uma ideia precisa do funcionamento dos aparelhos, da sua situação, dos conteúdos e dos tempos de processamento dos produtos. É preciso ter noções de programação electrónica e ser capaz de diagnosticar e reparar as falhas mecânicas e electrónicas. Falhas às quais é preciso juntar os erros humanos, as avarias técnicas, a qualidade desigual das matérias-primas.

Ninguém domina sozinho o conjunto da aparelhagem e dos processos de fabrico. A troca de informações é, portanto, essencial. Aí é que as coisas se complicam. Os assalariados não transmitem facilmente os conhecimentos que já conseguiram adquirir. Um técnico que ensinasse a qualquer pessoa tudo o que aprendeu e lhe permite fazer funcionar a sua parte do equipamento tornar-se-ia menos indispensável. Sentirá que podem bem passar sem ele. Cada um procura, então, guardar para si uma parte do que sabe, obrigando os outros a negociar a sua participação.

O dilema é o seguinte: se os responsáveis da produção não trocam entre si informações suficientes, terão dificuldade em dominar situações inesperadas. Mas, se não se protegem, torna-se fácil deslocarem-nos de um sector para outro e os seus esforços para se aperfeiçoarem naquilo que fazem não serão nunca notados nem recompensados. É preciso acrescentar que a possibilidade dessas mudanças de sector constitui uma das grandes angústias da cultura mexicana: o medo do duplo, do gémeo-sombra, um ser maléfico que pode criar confusão e ocupar o nosso lugar.

Eis uma contradição manifesta entre o interesse geral e o interesse particular. Os assalariados têm tudo a ganhar em que a sua fábrica seja performante: melhores salários, maior segurança de emprego. Teriam, então, vantagem em comunicar o melhor possível, mas ninguém quer entregar completamente as informações que detém.

"Cuates" e compadres

Com o primeiro conflito na fábrica, os assalariados aperceberam-se da sua vulnerabilidade e de que não podiam contar nem com o sindicato — capaz de se voltar contra eles — nem com a direcção, que, afinal, tem pouco poder e pode ser obrigada a despedimentos. A maior parte deles tinha abandonado o trabalho agrícola para se acantonar na indústria. Passaram a ganhar mais, mas perderam os seus lugares na sociedade tradicional. Agora vêem-se em risco de perder tudo de novo. Só uma nova forma de solidariedade os pode proteger — e, essa solidariedade, vão-na construir no seio da fábrica, clandestinamente, apoiando-se nas suas tradições.

Entre os assalariados, preexistiam e mantiveram-se laços múltiplos: padrinhos de colegas ou de filhos de colegas por ocasião de baptismos, confirmações ou casamentos. É o sistema dos compadres, em que cada um investe em relações de troca, mais ou menos recíprocas e mais ou menos equilibradas. Por exemplo, os compadres ajudam-se uns aos outros a construir as casas, a resolver problemas de saúde ou dificuldades financeiras: sabem, uns dos outros, que não se abandonarão.

Mais forte ainda é o laço entre os "cuates", grupos restritos de companheiros de bebedeiras, que podem falar entre si sem qualquer resguardo e se votam mutuamente uma indefectível solidariedade. O sistema dos compadres pertence à esfera pública; as redes de "cuates" são secretas.

Ainda há outras formas de solidariedade que se podem manifestar dentro da fábrica: laços familiares, ligações extraconjugais mais ou menos discretas. As mulheres geralmente formam bloco e opõem-se a essas ligações, que são prejudiciais à coesão do seu grupo. Apesar de terem autonomia financeira, estas operárias encontram-se numa situação muito excepcional; é uma autonomia ameaçada, quer na empresa, quando são sujeitas a assédios sexuais, quer na vizinhança, que as deseja de volta ao papel tradicional em casa. Para defender a independência, organizam uma série de actividades extraprofissionais, desportivas ou lúdicas, de que os homens são excluídos.

O conjunto destas redes contribuiu para o êxito técnico da fábrica, sobretudo porque permitiu aos operários encontrar o seu lugar no sistema de produção.

Dizer ou não dizer

Para nos explicar como se fabrica industrialmente o iogurte, o engenheiro francês recorreu a equações. O operário mexica-

no mostra os tubos percorridos pelo leite. Não sabemos dizer qual das explicações é a melhor, porque nos parece ter compreendido ambas.

A diferença entre os dois discursos é particularmente interessante quando se trata de procurar as causas de um disfuncionamento. O engenheiro francês vai apoiar-se num esquema global do sistema de produção; o operário seguirá mentalmente o percurso do leite e interrogar-se-á sobre o que se terá passado em cada ponto do circuito. O seu maior "handicap" é que os seus conhecimentos se limitam a uma parte do dito percurso, o que o obriga a conferir os seus conhecimentos com os dos colegas. São trocas que impõem a cada um a redução da opacidade que salvaguardava o seu poder na empresa — mas não são arriscadas entre compadres e "cuates", cuja solidariedade é total. Quer dizer: pertencer a uma rede de solidariedade permite estar dentro do sistema de produção sem correr tantos riscos.

O exemplo do erro humano é muito explícito. Quase sempre, as "pannes" têm um componente humano: erro, negligência, tratamento inadequado de uma falha mecânica. Para não ter que reconhecer a sua falha diante de terceiros, o responsável procurará, primeiro, reparar ele próprio a avaria, com grande perigo de se enterrar no erro e agravar a situação. Para se proteger de eventuais sanções, assinalará a avaria, mas não as manipulações que tentou a seguir, o que vai complicar o diagnóstico...

Revelando o erro a camaradas que não o trairão, o operário procede da maneira mais conveniente para manter a produção, continuando a salvaguardar os seus interesses. Apurou-se mesmo que as redes de solidariedade se estendem a diferentes sectores da empresa, englobando vários níveis da hierarquia. São um factor-chave da eficácia do pessoal.

As mesmas redes jogam papel importante na aprendizagem. Formar alguém é arriscarmo-nos a vê-lo suplantar-nos. Mas o instruendo que pertence a uma mesma rede que o mestre nada fará para o prejudicar. A direcção compreendeu que as suas tentativas para pôr um jovem a aprender com um mais velho que não o tivesse escolhido estavam votadas ao fracasso. Também reparou que os operários mais qualificados se rodeavam de assistentes, cujo número se tornava um símbolo do seu estatuto... Com um assistente, tornavam-se importantes; com dois, não precisavam de trabalhar! por isso, era preciso reduzir o número de assistentes sem os suprimir totalmente, a fim de não perder o benefício da instrução dos novos operários pelos antigos.

Esta tensão entre a lógica industrial importada e as tradições locais é, sem dúvida, o que explica a boa performance da fábrica. À direcção francesa interessa que se produza sempre mais e melhor. As redes mexicanas de solidariedade não fazem da produtividade o seu principal objectivo, mas facilitam-na. Podem também paralisá-la, se acharem, numa determinada circunstância, que o melhor é não fazerem nada.

A direcção soube conquistar a adesão dos operários mostrando-se muito investida no sucesso da empresa, mas acomodando-se também a modos de funcionamento que em parte lhe escapam.

Essa solidariedade, vão-na construir no seio da fábrica, clandestinamente, apoiando-se nas suas tradições. É o sistema dos compadres, em que cada um investe em relações de troca, mais ou menos recíprocas e mais ou menos equilibradas. (...) Quer dizer: pertencer a uma rede de solidariedade permite estar dentro do sistema de produção sem correr tantos riscos.

UM DEBATE NORTE-SUL: O QUE É O PROGRESSO? UM MITO OCIDENTAL

■ Régis Debray

Há um adágio clássico que diz: "A verdade é um erro múltiplo." Para avançar no conhecimento do que seja o progresso, para partir com uma ideia mais rigorosa deste mito próprio da primeira modernidade industrial, tanto "o Norte" como "o Sul" deveriam primeiro aprofundá-lo separadamente. Ficção circunstancial ou representação convencionada, mas ilusória, a ideia de progresso é um dos mais belos emblemas do que se chamava dantes "ideologia".

"Dossier" do "Le Courrier de l'UNESCO", Dez. 93, p. 9

Trad. M. Adelaide Pinto Correia

A ilusão reside na confusão entre duas ordens de temporalidade: o tempo cumulativo do "desenvolvimento científico e técnico", marcado por uma evolução linear de inovação permanente; e o tempo repetitivo do universo político-simbólico. No primeiro caso, aparecem soluções sucessivas e cada vez mais performantes para problemas quantificáveis; no outro caso, em cada geração se descobre e se esquece que existem problemas definitivamente sem solução.

Tem acontecido que haja grupos humanos capazes de adoptar uma língua menos maleável ou uma religião menos elaborada, ou de trocar um Estado democrático por uma ditadura — mas nunca se viu trocar máquinas agrícolas ou meios de transporte tecnologicamente mais satisfatórios por alfaias ou transportes antigos. Não há regressão das linhas da vida (as combinações genéticas vão no sentido do mais complexo) e também não há regressão técnica, a médio ou a longo prazo. Os objectos encaminham-se para a sua perfeição: a dinâmica dos utensílios, como a do saber, vai melhorando constantemente. É uma tendência universal, que atravessa a História e a Geografia independentemente das determinações étnicas: a relação do homem com as coisas rege-se por uma lógica previsível — embora aberta e não programável —, que é a lógica do progresso.

Por contraste, é evidente que as relações dos homens uns com os outros têm a ver com outras leis e a diferença entre "selvagens" e "civilizados", que tem um sentido detectável na história técnica, não tem sentido na história da arte, das religiões, das línguas ou das formas de autoridade. O domínio da energia progrediu por um factor 1000 desde o princípio da nossa era, mas Luther King não é uma personalidade moral 1000 vezes superior a Jesus Cristo. O computador é um progresso em relação ao ábaco, mas Andy Warhol não o é em relação a Ticiano, nem Husserl é um filósofo mais "profundo" do que Platão. A noção de progresso não tem nenhum sentido na ordem simbólica, intelectual, afectiva ou psicológica. Seria fácil demonstrar que também não o tem na ordem política (as guerras do século XX são mais selvagens e mortíferas que as do XIX, e estas que as do XVIII, etc.). Na aparelhagem técnica e científica, no domínio das coisas (ou do homem enquanto coisa na Medicina), há um antes e um depois objectivos e verificáveis; nas formas de dominação do homem pelo homem não há antes e depois senão subjectivos e reversíveis.

UNIFORMIDADE DAS TÉCNICAS, MAS ESPECIFICIDADE DAS CULTURAS

Os partidários do progresso que há dois séculos vêm decalcando o tempo técnico sobre o tempo político enganaram-se sistematicamente nas suas previsões. Anunciaram a paz internacional graças à instalação de comboios, a harmonia social trazida pela electricidade, o fim das superstições religiosas pela educação popular, a uniformização das culturas e das religiões decorrendo da uniformização dos objectos técnicos. Ao mega-sistema produtivo (ou sistema de produção industrial mundializado) devia corresponder a mega-etnia humana, ou, mais exactamente, o destroço da estruturação étnica dos grupos humanos.

Ora, em vez de se diluir na convergência de um meio técnico mundializado e em evolução acelerada, os grupos étnicos (territorializados e de evolução lenta) retraem-se, endurecem e multiplicam-se: a mundialização balcaniza-se, cada degrau de unidade técnico-económica relança a diversidade técnico-cultural para outro nível. À maior fluidez dos fluxos de mercadorias e informações vem contrapor-se uma neurose obsessiva de territórios. Há emigrações em massa e fixações empedernidas, a "aldeia global" e o patriotismo de aldeia.

Talvez se possa imaginar um princípio de constância que operasse no seio do aparelho social, análogo ao princípio de estabilidade da metapsicologia freudiana (o qual actuaria no aparelho psíquico) — ou seja uma relação constante entre os factores ditos de progresso e os factores ditos de regressão. A história humana escreve-se num duplo livro de contabilidade. Cada desequilíbrio suscitado por um progresso técnico provoca um reequilíbrio "étnico"; de tal maneira que os diversos jogos cruzados que se observa hoje em dia entre a homogeneização do mundo e a reivindicação das diferenças, entre o elemento "racional" e o elemento "nacional", entre o imperativo económico e a aspiração religiosa, etc., toda essa dinâmica de desequilíbrio, se poderiam interpretar como jogos com somatório nulo ou, antes, como equações de valores variáveis, mas correlativos. O que é pura especulação.

Admiremos a sagacidade da mitologia grega, infinitamente superior às mitologias económicas actuais. Lembram-se do mito de Protágoras? Via Prometeu, Zeus concede à espécie humana a capacidade técnica — mas felicita-se por ter guardado para si, intocável, " a arte de administrar a cidade". Foi uma reserva que o Iluminismo esqueceu.

O facto, verificável, do progresso científico e técnico tornou-se um mito, indevidamente transposto para a ordem simbólica e política. Foi uma metáfora induzida pelo encontro tardio do messianismo religioso e do maquinismo industrial, encontro da tradição cultural judeo-cristã (o progresso como a Providência laicizada) e do arranque industrial + descolagem económica das sociedades europeias. (...) O século XIX estendeu a nova "religião" por toda a terra, à medida da expansão ocidental — a qual foi, simultânea e naturalmente, militar, política, económica e mitológica.

O FIM DE UMA IDEOLOGIA

Os metafísicos do progresso tinham, como postulado, a indivisibilidade da humanidade como sujeito único da História. (...) Para Comte, a espécie humana é um só povo e esta homogeneidade do espaço planetário funda a unicidade da História universal. Em todos os quadrantes do horizonte, a humanidade seguiria a mesma marcha; haveria apenas variações de velocidade e estas não modificariam nem o sentido do caminho nem a ordem de sucessão. Todos os continentes têm fusos horários diferentes, mas todos terão os mesmos relógios e os mesmos calendários. Se o Oriente está atrasado em relação ao Ocidente, não tem mais do que acelerar a sua marcha — o que o marxismo afirma tanto como o liberalismo.

As ideologias do progresso são anteriores à Etnografia, à

Admiremos a sagacidade da mitologia grega, infinitamente superior às mitologias económicas actuais. Lembram-se do mito de Protágoras? Via Prometeu, Zeus concede à espécie humana a capacidade técnica — mas felicita-se por ter guardado para si, intocável, " a arte de administrar a cidade". Foi uma reserva que o Iluminismo esqueceu.

Antropologia, à descoberta positiva, e actualmente elogiosa, das diferenças. A alternativa entre tradição e progresso, de fechado e aberto, é talvez uma herança retrógrada do século XIX europeu. Não será porque cultivam a sua originalidade, a sua excepcionalidade histórica, que os Japoneses absorvem tão bem todas as contribuições do exterior? Na Expo de Sevilha, fizeram-se representar por um templo xintoísta em madeira, sem quinquilharia vídeo. Aí está como o Oriente supramoderno toma a precedência sobre o Ocidente moderno, porque já está, nas suas construções simbólicas, na madeira de pinho — e nós ainda vamos no fibrocimento.

A propósito, o que é que há de mais tolo que a antítese retórica entre nacionalismo e cosmopolitismo? Foram as tribos globais, formidavelmente indígenas e presentes em rede pelo Universo, que sempre fizeram avançar as civilizações: árabes na Idade Média, judeus no Renascimento e no Iluminismo, britânicos na Revolução Industrial.

Globalmente positivo

O mito do progresso continua operativo — no Norte, de maneira latente ou residual; no Sul, de maneira motora e propulsora. Uma ideia mais ou menos mistificada, mas a que todos aderem, torna-se um facto social objectivo, que deve ser tratado como tal. Tanto mais que o seu papel no Terceiro Mundo pode ser encarado como "globalmente positivo". O desprezo do dinheiro é privilégio de ricos; assim também o cepticismo face ao progresso é apanágio dos que, historicamente, já beneficiaram dele. A redenção política pelo progresso técnico é uma ideia falsa, mas da qual os pobres e oprimidos têm verdadeiramente necessidade para afrontar a modernidade e o espectáculo terrível de injustiças que a acompanha, sem caírem no desespero ou na delinquência.

O problema é que o Ocidente rico já não acredita muito nos seus ideais e nos seus mitos redentores. Depois da quebra do socialismo, não esperamos do futuro fracturas decisivas que possam modificar o nosso destino. Não vemos mais roturas para consumar, mas melhoramentos ao quadro da democracia tradicional. Chamamos-lhe "gerir". Na casa-mãe, a esperança morreu. Mas esta morte deve ser mundializada?

Para isso, era preciso que não tivéssemos respeito pelo sofrimento humano. Duplicar, no espaço de um século, a esperança média de vida, triunfar sobre micróbios e vírus, afastar os limites do analfabetismo, aumentar a energia que cada um pode consumir, são objectivos atraentes e legítimos em si mesmos. Não trazem a chave da felicidade, nem a sociedade sem classes, mas terão o imenso mérito de encher o fosso entre os dois hemisférios.

Para já, é óbvio que o Norte e o Sul cultivam instintivamente duas atitudes opostas diante da História e, portanto, do progresso. Órfão do presente, o Sul não se quer refugiar num passado sinónimo do pior, e volta o olhar para o futuro, que seria sinónimo de melhor. O Norte, ao contrário, está é órfão do futuro e vai-se recentrando — à luz da utopia — no passado, de que exalta todas as virtudes cívicas, e na memória. A Europa acumula apaixonadamente arquivos, aproveita tudo para registos, colecções

O mito do progresso continua operativo
— no Norte, de maneira latente ou residual;
no Sul, de maneira motora e propulsora.
Tanto mais que o seu papel no Terceiro Mundo
pode ser encarado como "globalmente positivo".
O desprezo do dinheiro é privilégio de ricos;
assim também o cepticismo face ao progresso
é apanágio dos que, historicamente,
já beneficiaram dele. A redenção política pelo
progresso técnico é uma ideia falsa, mas da qual
os pobres e oprimidos têm verdadeiramente
necessidade para afrontar a modernidade
e o espectáculo terrível de injustiças que
a acompanha, sem caírem no desespero
ou na delinquência.

e museus, embebeda-se de comemorações e aniversários. Uma visão retrospectiva ou antiquária da História, de que já não se é sujeito activo, mas espectador nostálgico e enternecido, e que sucedeu às visões prospectivas e messiânicas.

Dantes, a Natureza era um valor conservador, oposto à História. Ora a ecologia, único movimento político ascendente ou novo, fez dela um mito mobilizador. (...) Mesmo a ideia de República (...) se pode interpretar como uma forma de volta ao antigo, face às derivas da União Europeia e ao modelo mercantil anglo-saxónico de democracia, actualmente dominantes e portadoras de grandes estragos. "Conservar" é, de novo, um termo positivo, até chique, até progressista...

Tudo se passa como se a fé no futuro se tivesse refugiado entre os mais pobres do Planeta; os ricos vão-se habituando a ver no progresso não a procura do melhor, mas "o anúncio do pior", como diz Kundera. O perigo passa a ser a margem deixada ao niilismo e ao cinismo. Se o progresso está morto, tudo é permitido. Ganha um presente reduzido a si mesmo, juntando rapidamente dinheiro por todos os meios.

Como sair disto? Com certeza que não pela invenção de outra utopia (a "utopia n") ou de um novo messianismo secular. Talvez por uma série de lutas, pontuais e obstinadas, de fundamentação ética, se não pelo melhor ideal, pelo menos contra o pior real. Parece-nos péssimo o dilema em que o decorrer dos acontecimentos tende a fechar-nos: ou, em nome da modernidade, transformar o Planeta num supermercado e tratar toda a actividade humana, pública e privada, como uma lei de oferta e procura; ou, em nome da identidade, encerrar-se nos fantasmas vingadores da pureza perdida, na exclusão dos outros, na integridade ideológica, comunitária ou confessional.

Passar da ilusão tecnocrática, segundo a qual o progresso técnico basta para resolver os problemas políticos e culturais, para o furor ideocrático, para o qual uma bela norma moral pode substituir soluções económicas e técnicas... seria passar de uma caricatura do Norte a uma caricatura do Sul. Entre a política do dólar e as políticas de Deus, poderíamos inventar uma outra espécie de espaço público, digno do Iluminismo, mas sem as suas ilusões, que juntasse ao pessimismo da inteligência o optimismo da vontade. Resumindo, é preciso desacreditar os que pensam que toda a crítica do mito do progresso é necessariamente reaccionária.

Uma tendência universal, que atravessa a História e a Geografia independentemente das determinações étnicas: a relação do homem com as coisas rege-se por uma lógica previsível — embora aberta e não programável —, que é a lógica do progresso. Porém, a noção de progresso não tem nenhum sentido na ordem simbólica, intelectual, afectiva ou psicológica. Na aparelhagem técnica e científica, no domínio das coisas, há um antes e um depois objectivos e verificáveis; nas formas de dominação do homem pelo homem não há antes e depois senão subjectivos e reversíveis.

A SENHORA RABINO

. Djénane Kareh Tager

"Os homens não têm o monopólio da Aliança." O veredicto é sem apelo, mas a rabino pronuncia-o com grande doçura. Como quem diz uma banalidade... e afinal sacode séculos de tradições. "Os costumes são uma coisa; as leis são outra", continua, sentada muito direitinha, as mãos cruzadas sobre um bonito vestido de Verão.

Com o seu ar inocente, Pauline Bebe é a única mulher rabino da Europa continental — alvo do horror da ortodoxia judia — e é de uma obstinação cerrada. Se a qualificam de "fenómeno", encolhe os ombros. "Aconteceu o mesmo às primeiras mulheres médicas ou jornalistas. Foram pioneiras que tiveram de enfrentar desconfianças e sorrisos irónicos, que suportaram a agonia dos primeiros passos em falso. Eu já passei por essas coisas durante quatro anos. Agora, voltei a página e assumi-me tal como sou."

Teria havido inconsciência, quanto às duras batalhas que se anunciavam, quando quis tornar-se rabino? Às contestações violentas devidas à sua condição de mulher, Pauline Bebe opôs sistematicamente uma convicção inabalável, alimentada pela consulta da Torá, da Bíblia e do Talmude. Diz que não teve dúvidas. Diz também que agora se sente mais capaz de proclamar que Deus não é sexista. "Deus representa a bondade, a justiça, a tolerância: como imaginar que Ele pudesse querer a dominação de uma metade da humanidade sobre a outra metade? Os homens, que tentaram traduzir e interpretar as Suas palavras, atribuíram-lhe pensamentos masculinos. Isso não quer dizer que soubessem muito exactamente o que Deus quer; o Génesis diz claramente que Ele criou o homem e a mulher à Sua imagem, iguais."

"Nenhum texto da Lei proíbe à mulher subir à Torá ou conduzir um ofício religioso. O Midrash [a exegese rabínica da Bíblia] explica que Deus escolheu chefes masculinos no contexto das sociedades patriarcais da época bíblica, em que os homens tinham mais peso do que as mulheres. Era-lhes mais fácil fazerem-se ouvir. Foi assim que o costume se impôs. Mas não adquiriu estatuto de lei."

Em relação à interdição de as mulheres serem testemunhas ou juízes, a rabino sustenta que se trata de uma armadilha gramatical: "Em hebraico, o plural deriva do masculino. A Torá foi redigida no respeito pela gramática. Pode-se concluir daí uma inaptidão específica das mulheres e acusá-las de ligeireza de espírito? De resto, as mulheres sempre foram autorizadas a testemunhar nos domínios que lhes diziam respeito, por exemplo, assuntos domésticos. Como, hoje em dia, os seus domínios de competência se alargaram, alguns tribunais religiosos em Israel começam a rever essa interdição ancestral."

Neste debate, Bebe encontrou uma aliada de peso: Deborah, figura bíblica, juiz do seu povo e chefe militar, sobre a qual repousava a Divina Presença. "Será preciso restringir-se à linguagem masculina, cujo sexismo estava no apogeu durante o período talmúdico, como se fosse a linguagem de Deus?"

A rabino tem uma dificuldade tremenda em engolir o famoso agradecimento lido todas as manhãs pelos judeus ortodoxos: "Bendito sejas, Altíssimo, Rei do Universo, porque não me fizeste mulher." "É uma asneira monstruosa", desmontada pelo Movimento Judeu Liberal, a que ela pertence e que reúne três milhões de judeus, dos 16 milhões que se contam por todo o Mundo.

Desde 1920 que o Movimento adoptou o princípio do rabinato feminino como símbolo da igualdade entre os homens e as mulheres. A primeira ordenação pública foi em 1972, nos Estados Unidos. É uma prática corrente? "Algumas comunidades ainda não de afizeram à

Com o seu ar inocente, Pauline Bebe é a única mulher rabino da Europa continental — alvo do horror da ortodoxia judia — e é de uma obstinação cerrada. Se a qualificam de "fenómeno", encolhe os ombros.

In "Act. Relig. dans le Monde", Julho-Agosto 94, p. 27

Trad. M. Adelaide Pinto Correia

ideia de ter uma mulher como direcTorá espiritual e pessoa de referência. Os conselhos dessas comunidades escolhem, portanto, homens para rabinos, não por considerações teológicas, mas por causa de velhos hábitos sociais."

Nestas comunidades, Pauline Bebe é recebida, por vezes, com espanto. "Já passou o tempo em que, ao telefone, me tomavam pela secretária do rabino. Mas não deixo de sentir no ar uma certa surpresa quando presido às cerimónias religiosas fora da minha comunidade. Ao longo da celebração, a desconfiança vai-se esbatendo e acaba por desaparecer. Os mais recalcitrantes têm de concordar que não foram fulminados por nenhum castigo divino e que a sinagoga não caiu sobre as suas cabeças. Pouco a pouco, recebem-me como rabino e não como uma mulher-rabino. De resto, não me lancei nesta aventura com espírito de provocação, mas simplesmente porque os textos sagrados me apaixonam. Sem intenção, tornei-me mensageira de um certo feminismo. Verifiquei que os grandes discursos são muitas vezes estéreis; é pela acção efectiva no terreno que o rabinato feminino entrará nos costumes. Ainda há muito a fazer ao nível das mentalidades."

A sua acção é de 365 dias em 365. Quer dizer, exerce mesmo quando está menstruada — uma heresia imperdoável para os judeus ortodoxos. "As historietas são mais citadas que os textos! A impureza da menstruação diz respeito às relações sexuais, mas não está escrito em lado nenhum que, nesse período, a mulher não possa entrar na sinagoga ou tocar na Torá!"

Bebe aceita os resultados de uma sondagem conduzida nos Estados Unidos, segundo os quais as mulheres rabinos dão prioridade a trabalho em profundidade junto de comunidades pequenas; os homens avaliar-se-iam a si mesmos pelo número de fiéis a seu cargo. É talvez por isso que considera com ironia a luta que se desenrolou em França entre os dois candidatos ao Grande Rabinato. "O judaísmo nunca teve Papa! Talvez porque estamos conscientes do perigo de idolatria que envolve essa função. Não me sinto tentada por tarefas honoríficas ou políticas. Prefiro um trabalho sério no seio da minha comunidade. Será uma atitude feminina?"

E é verdade que a sua carga de trabalho é avassaladora. Em todo o caso, bem afastada do papel da mulher na tradição judia: guardiã do lar, cuja realização passa por assegurar ao marido e aos filhos rapazes as melhores condições para estudar os textos bíblicos. Bebe está casada há um ano, mas, por enquanto, nada mudou no seu emprego do tempo. O marido é o rabino Cohen, defensor acérrimo do rabinato feminino. Simplificam a vida doméstica, em que ambos ajudam. Ela, nos tempos livres, pratica dança moderna; ele, o "blues rock" americano, da sua terra natal.

Aplicando escrupulosamente o versículo 24 do capítulo 2 do Génesis ("o homem deixa o pai e a mãe para se prender à sua mulher"), Cohen seguiu com a mulher para Paris. Pensaram juntar os dois apelidos, mas não o fizeram porque ficariam dois rabinos na mesma comunidade com nome igual. Como é natural, discutem muita Teologia um com o outro. Pauline é especialista de Filosofia e de Midrash, a exegese rabínica da Bíblia; o marido gosta mais de História e de estudar o Talmude.

É um casal como os outros? "Claro que sim! Fazemos as nossas compras, vamos de férias, praticamos desporto: o rabino não é uma personagem mítica, mas uma pessoa com quem deve ser fácil identificar-se, uma pessoa bem do seu tempo."

Pauline Bebe é recebida, por vezes, com espanto. "Já passou o tempo em que, ao telefone, me tomavam pela secretária do rabino. Mas não deixo de sentir no ar uma certa surpresa quando presido às cerimónias religiosas fora da minha comunidade. Ao longo da celebração, a desconfiança vai-se esbatendo e acaba por desaparecer. Os mais recalcitrantes têm de concordar que não foram fulminados por nenhum castigo divino e que a sinagoga não caiu sobre as suas cabeças. Pouco a pouco, recebem-me como rabino e não como uma mulher-rabino. De resto, não me lancei nesta aventura com espírito de provocação, mas simplesmente porque os textos sagrados me apaixonam.

A FOME DA PELE*

Existe dentro de nós uma fome terrível que nenhum alimento consegue saciar. Consiste num desejo de ser tocado, de sentir a concreta realidade do contacto humano. Literalmente, trata-se de uma "fome da pele".

Experiências científicas mostram que todos os animais de temperatura constante têm necessidade inata de ser tocados e que, entre os efeitos da privação sensorial, se incluem a perda do apetite, o crescimento inferior ao normal, o declínio da inteligência e padrões de comportamento anormais.

Pesquisadores da Universidade de Wiscosin, por exemplo, afastaram macacos bebés das suas mães na altura do nascimento e criaram-nos em jaulas separadas numa sala especial. Os macacos podiam ver, ouvir e comunicar uns com os outros, mas nunca lhes foi permitido ter contactos físicos com outros macacos ou com os seus tratadores. O resultado foi um grupo de macacos profundamente transtornados, apresentando um padrão de comportamento autista, hiperactivo e autodestrutivo.

Embora não seja recomendável realizar experiências clínicas em crianças, existe um triste conjunto substancial de provas que demonstram que as crianças adquirem iguais padrões de comportamento anormais quando postas em hospitais ou instituições durante longos períodos e privadas de uma quantidade significativa de contactos pessoais. Algumas tornam-se retraídas e silenciosas; outras agitam-se para trás e para a frente e batem com a cabeça nas paredes e nos móveis.

A questão é simplesmente que todos nós compartilhamos o desejo da pele. O psicólogo Sidney Jourard notou que a experiência de ser tocado estimula o nosso corpo e dá-nos consciência dele.

"Num curso na Universidade de Massachussets, em Amherst, onde ensino 'A Educação do Ser', dei ênfase às seguintes premissas: 1) Todo o ser humano que vem ao mundo necessita de ser tocado, necessidade que persiste até à morte. 2) Ser tocado com carinho, com ternura, pode ser saudável, terapêutico. 3) Muitas pessoas fazem confusão entre um contacto terno e reconfortante e o destinado a provocar estímulos sexuais. 4) Em muitos lares, as crianças são suficientemente felizes por terem tido satisfeito o seu desejo de contacto físico; para muitas outras, o contacto reveste apenas a forma de surras (há quem acredite que existem crianças que deliberadamente se comportam mal para conseguir ao menos esse doloroso contacto físico)."

Não é difícil constatar a diferença entre tipos de lares. Os jovens cujas necessidades de contacto físico são satisfeitas tendem a ser abertos, calorosos e descontraídos. Aqueles que raramente recebem contactos em casa parecem, em geral, mais introvertidos, propensos a viver num mundo de fantasia, ou são mesmo hostis. Estou convencido de que tendem a minimizar o seu próprio valor. Vemo-los em qualquer pátio de recreio, garotos que parecem apenas interessados em passar rasteiras aos

Como poderemos chegar a uma forma de contacto físico que não seja ligada ao sexo, por um lado, nem a um pseudocontacto (pancadinhas nas costas, brincadeiras rudes), por outro? Isso pode ser ensinado a grupos de estudantes, como eu faço, ou entre amigos e parentes, mas é melhor num ambiente familiar afectuoso e terno. E devemos basear-nos na consciência e na aceitação da necessidade natural de tocar e ser tocado. As melhores terapêuticas são as mais simples.

outros, empurrando, brigando e lutando. Por detrás de cada empurrão e de cada rasteira, existe um apelo mudo, pedindo contacto físico.

Depois de tudo isso, pareceria lógico que todos tocássemos uns nos outros tantas vezes e tão carinhosamente quanto possível... Mas não é isso que se vê.

Em muitos lares, os bebés são afagados, mimados e abraçados; existem poucas implicações sexuais quando se toca num bebé. Mas, quando esse bebé se transforma em criança, há uma combinação de forças que tende a reprimir e a restringir o instinto natural do tacto. Frequentemente, mesmo nas famílias mas afectuosas e unidas, as mães deixam de beijar e abraçar os seus filhos. Os rapazes pensam que beijar e abraçar é "patetice" e, enquanto ainda aceitam que as mães o façam, rejeitam o mesmo dos pais, os quais, normalmente, desistem de tentar acariciá-los.

Na fase em que as crianças se aproximam da adolescência, a situação torna-se realmente desoladora. Fora umas festinhas na cabeça para os consolar quando estão doentes, certas crianças não têm nenhum contacto físico carinhoso com ninguém.

Como poderemos chegar a uma forma de contacto físico que não seja ligada ao sexo, por um lado, nem um pseudocontacto (pancadinhas nas costas, brincadeiras rudes), por outro? Isso pode ser ensinado a grupos de estudantes, como eu faço, ou entre amigos e parentes, mas é melhor num ambiente familiar afectuoso e terno. E devemos basear-nos na consciência e na aceitação da necessidade natural de tocar e ser tocado. As melhores terapêuticas são as mais simples.

Abraçar

Simples? Sim e não. Há uma série de antiabraços por aí. O "abraço em forma de A", por exemplo. Neste abraço, duas pessoas aproximam-se e as suas cabeças tocam-se, mas nada mais. Baptizei outro antiabraço de "peito contra peito". Neste caso, faz-se o contacto de peito com o peito, mas isso põe as pessoas tão nervosas que começam a dar pancadinhas nas costas umas das outras, como se estivessem a tentar fazer um bebé arrotar. Essa é a nossa maneira de reduzir a pessoa a quem abraçamos a um "status" infantil e seguro.

O verdadeiro abraço é o de "corpo inteiro", que fecha a forma do A. As pessoas que se encontram precisam de certo tempo para poder realmente ver-se umas às outras. Pratique com a sua mulher e os seus filhos. Quando os membros de uma família aprenderem o que é um verdadeiro abraço, nunca mais aceitarão outra coisa.

Massagem nas costas

As costas podem ser coçadas e receber massagens com os dedos, com a palma da mão ou mesmo com os nós dos dedos. A questão é pressionar continuamente e aliviar a tensão e o cansaço, assim como satisfazer o desejo de contactos físicos de todos nós.

Festas na parte posterior do pescoço

Novamente, a finalidade é aliviar a tensão, alisando e esfregando. Pense que carícias e movimentos empregaria para que a sua tensão desaparecesse. De início, é natural que não se sinta um experimentado massagista de pescoço. Muitos de nós somos uns "analfabetos" na arte do contacto físico quando começamos, mas as técnicas aprendem-se rápida e naturalmente.

Massagem no braço

Trata-se de uma suave pressão no braço, desde o pulso até ao ombro. Por vezes o braço deve receber vigorosas massagens; outras vezes o contacto deve-se reduzir à leveza de uma cócega. Note como o braço sem assistência está ansioso. O contraste entre os dois em sensibilidade é tão flagrante que levanta a questão de como os indivíduos que não recebem contactos físicos se devem sentir a maior parte do tempo — como mortos, abandonados, muito enfraquecidos.

Quantas vezes devemos praticar esses exercícios? No caso de crianças pequenas, satisfazer as suas necessidades de contacto físico implica um mínimo de vários toques diários, um grande abraço de cada um dos pais, pelo menos uma vez por dia, e uma massagem nas costas ou no pescoço todas as noites, na hora de deitar. Com crianças mais velhas sugiro no mínimo uma exercício regular por semana.

Mas não se prenda a uma fórmula rígida. Existem certas ocasiões em que o contacto físico é importante: depois de um longa viagem, por exemplo, quando a tensão e as fadigas precisam de ser aliviadas por mãos suaves; e, quando alguém da família está magoado, quer física quer emocionalmente, o facto de os familiares se preocuparem em tocá-lo ajuda e reconforta muito.

O contacto físico dá à afirmação humana um estilo directo e terno; fornece aos mais jovens o material necessário para melhores relacionamentos humanos; torna as pessoas suficientemente seguras para saberem como pedir aquilo de que necessitam e suficientemente generosas para darem aquilo de que os outros precisam; cria crianças melhores, pais mais realizados e apaixonados, melhores maridos e mulheres.

Tocar e ser tocado torna as pessoas melhores.

** Texto utilizado numa acção de formação de professores do ensino secundário em que participou um associado do Metanoia.*

CAMINHANDO SOB O ESPLENDOR DA TUA FACE

■ Maria Adelaide Pinto Correia

e cada vez que venho escrever um "Caminhando", correu tanto tempo desde a última "Viragem", tantos passos da experiência de cada um de nós e da vida do mundo, que nem se sabe por que ponta se lhe há-de pegar.

Instantâneos, pois, é o que isto é — mas qual dos instantâneos escolher, se nós vamos sempre caminhando e o esplendor da Divina Presença ESTÁ sempre, Aliada Indefectível?!

Passou o Advento, passaram Isaías e o Baptista, veio o Natal e o Presépio, subiu a Orion no céu de Inverno, caíram nevoeiros espessos, cortinas de luz aureolada e húmida, terras e árvores lavadas na chuva como se a Terra fosse inocente. As terras estão lavradas como massa de pão, levedando. Vêm aí as geadas.

Ficámos com a Epifania, na representação dos Três Reis do Oriente — curiosos, atentos, disponíveis, aventureiros, sábios, progredindo lentamente segundo um objectivo de fé, talvez estranhos aos homens e aos mundos que deslizavam em torno deles. Nossos representantes, nossos delegados? Poderemos rever-nos no seu caminho? Como desenharíamos o caminho de Três Sábios assim, no nosso tempo e nas nossas condições?

O desenho é todo diferente, porque a Epifania já foi; a estrela, teremos que a rebuscar cá dentro; e não podemos atravessar o mundo bárbaro sem tentarmos ajudar a entrever o Reino.

Tentar ajudar a entrever o Reino. Cada um fará a sua leitura, claro. Porque há muitas moradas, e o Espírito sopra onde quer. A proclamação explícita do Reino e a solidariedade com as mais obscuras exclusões são linhas inextrincáveis do mesmo tecido que o Senhor nos deixou para tecer e de que nós só vemos farrapos.

Passou também, há mais tempo ainda — mas eu não poderia deixar de falar nisso — a descolorida homenagem ao padre Abel Varzim. "Tão póstuma que até dói", como escre-

veu o Nuno Teotónio Pereira. O padre Abel foi um homem de intervenção permanente no mundo em nome do Evangelho. Também foi o que se usa chamar "um homem de Deus", de uma interioridade intensa e persistentemente rezada. A sua relação com o Verbo de Deus não sofria quebras — talvez por isso aguentava tão firmemente a relação com os outros homens.

Foi um homem constantemente e até ao fim aperreado pela Igreja. Vieram agora celebrá-lo!! Será um sinal de esperança? Vai haver mais respeito pelo percurso de cada cristão, pela autonomia íntima de cada um face ao Senhor, pela liberdade de confrontar a vida com o Evangelho e intervir como sabemos onde podemos??

Essa do respeito pela autonomia íntima de cada cristão face ao Senhor faz-me tirar mais dois coelhinhos da cartola, apontamentos minúsculos para alguma meditação.

1. As atrocidades que os cristãos do Ruanda foram (e prepararam-se para ser?) capazes de fazer uns aos outros. Quantos artigos lemos que explicavam o inexplicável não só pelas estratégias de exclusividades raciais de que os países colonizadores julgavam servir-se, mas, mais profundamente, pela pastoral de rituais, pastoral de massas (e, precisamente, não de pessoas autónomas e responsáveis) que a Igreja ali se demorou a exercer??

2. A indolência com que populações ditas cristãs embarcam em toda a espécie de mediocridades e corrupções, e ligeiramente se excluem de todo o impulso para Deus e a perfeição. Será porque a Igreja sempre as habituou a serem dirigidas? Agora, passa-se ao lado dessa direcção, e são os "media" os reais dirigentes das mentalidades ...

Bom. Vem aí a Quaresma e a Páscoa, apressemos-nos porque se faz tarde e o sol declina: fica connosco, Senhor!

Instantâneos, pois, é o que isto é. Tentar ajudar
a entrever o Reino. Cada um fará a sua leitura,
claro. Porque há muitas moradas,
e o Espírito sopra onde quer

NUM RELATÓRIO PUBLIcado em Outubro, a Amnistia Internacional manifestou a sua preocupação face aos numerosos casos de tortura verificados em Portugal e dos quais são acusados as diferentes organizações responsáveis pela manutenção da ordem e da segurança: polícia judiciária, polícia de segurança pública, guarda nacional republicana e serviços prisionais. Da longa lista de atrocidades cometidas sobre os presos, todos desarmados na altura da detenção e nenhum deles acusado de pertencer a organizações terroristas, fazem parte pontapés, murros, joelhadas, agressões com matraca, coronhadas, etc. Alguns detidos afirmam ter sido atingidos com tubos de borracha ou metal flexível. Outros garantem ter sido objecto de todo o tipo de ameaças, em particular de sevícias sexuais. Os insultos verbais de natureza racista são comuns, sobretudo quando se trata de pessoas pertencendo a minorias étnicas. As alegações são corroboradas, na maior parte dos casos, por exames médicos. Note-se que alguns dos queixosos foram conduzidos a hospitais, para receber tratamento, pelas próprias autoridades que procederam à sua detenção.

"A IGREJA NÃO PODE ASsistir passivamente à discriminação intolerável de que é vítima uma grande parte da população de países europeus": tal é uma das principais conclusões da reunião consagrada à análise dos problemas postos pelas migrações, organizada pelo Conselho das Conferências Episcopais da Europa (CCEE), em Munique, de 9 a 12 de Dezembro, e na qual participaram 18 bispos de 17 países da Europa ocidental, central e de leste, assim como organizações internacionais, nomeadamente o Conselho da Europa, o Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados e a Caritas. Portugal fez-se representar pelo bispo de Setúbal, D. Manuel Martins.

No documento final, sublinha-se ainda que "nenhum país se pode isolar dentro das suas próprias fronteiras, nem mesmo a União Europeia. Os problemas fundamentais são por todo o lado os mesmos ou pelo menos semelhantes. Ninguém poderá resolvê-los através de um nivelamento pela base, mas, sim, através de um esforço de harmonização entre Estados, com lucidez, coragem e generosidade.

SOB OS AUSPÍCIOS DA Comissão das Comunidades Europeias realizou-se, pela primeira vez, uma conferência sobre "Mulheres e Poder", que reuniu em Atenas, em 3 de Novembro, mulheres provenientes dos mais diversos países europeus com experiência no desempenho de altos cargos políticos. No decurso dessa conferência foi adoptada uma declaração, solicitando:

(1) à Comissão das Comunidades Europeias e a todas as organizações europeias e internacionais que adoptem programas de acção e medidas para assegurar a participação plena das mulheres no processo de tomada de decisão dessas organizações;

(2) aos Estados-membros das Comunidades Europeias e a outros Estados europeus que integrem a dimensão da igualdade de oportunidades entre homens e mulheres nos sistemas educativos e em todas as políticas nacionais e que adoptem as medidas necessárias para a realização desses objectivos, a fim de se conseguir uma partilha equitativa de postos de decisão entre mulheres e homens;

(3) aos líderes políticos nacionais e europeus que aceitem plenamente as consequências do ideal democrático na base do qual são fundados os seus partidos políticos, garantindo em especial uma participação equilibrada de mulheres e homens nos cargos que envolvam o exercício do poder, nomeadamente os cargos políticos e administrativos, através de medidas de sensibilização e de outros meios; [...]

APÓS DOIS ANOS DE inactividade devido à promulgação de uma lei, em Março de 1992, obrigando as "associações de carácter geral" a aceitar todo o tipo de adesões e proibindo-as de eleger para os seus corpos sociais dirigentes partidários, a Liga Tunisina dos Direitos do Homem acaba de realizar o seu congresso. Um violento discurso contra o Governo por parte do presidente em exercício, que anunciou a sua intenção de não se recandidatar e a eleição de uma nova direcção de compromisso (incluindo 12 personalidades independentes, alguns representantes dos partidos no poder e na oposição e dois representantes dos "islamitas progressistas") constituíram os momentos mais relevantes de um intenso debate, que se prolongou por dois dias. Pormenor curioso, revelador das condições especiais que rodeiam esta associação: pouco tempo depois de deixar a presidência da Liga, Moncef Marzouki anunciava a sua intenção de se apresentar às eleições para a Presidência da República...

No ponto imóvel do mundo que gira. Nem o corpo nem a sua falta;
nem ir nem vir; no exacto ponto imóvel, aí está a dança,
mas sem paragem nem movimento. E não lhe chamem fixidez:
aí se reuniram o passado e o futuro. Nem ir nem vir,
nem subir nem descer. Excepto no ponto, naquele exacto ponto imóvel,
não haverá dança e só lá é que está a dança.
Só posso dizer que ai estivemos: não posso dizer onde.
E não posso dizer quanto tempo, porque isso seria entregar aquele ponto ao tempo.
A interior liberdade de desejos praticáveis,
a libertação do agir e do sofrer, libertação de compulsões
de dentro ou de fora. E contudo
rodeado por uma bênção dos sentidos, uma luz branca quieta e deslizante.
Exaltação sem movimento, concentração
sem eliminação, simultâneos um mundo novo
e o antigo feito explícito, compreendido
na plenitude de um êxtase parcial,
na solução do seu horror parcial.
O encadeamento de passado e futuro
tecidos na fragilidade do corpo que muda,
protege os humanos do céu e da perdição
que a carne não pode aguentar.
Tempo passado e tempo futuro
só permitem uma consciência curta.
Estar consciente é estar fora do tempo.
Mas só no tempo é que podemos lembrar-nos
do momento no jardim das rosas,
do momento sob as árvores quando a chuva ressoava,
do momento na igreja profunda envolvida em nevoeiro,
lembrados enrolando passado e futuro.
Só através do tempo conquistamos o tempo.

T. S. Eliot, "Burnt Norton"